



O engenheiro Joaquim Cardozo dentro do livro *O engenheiro de João Cabral*

The Engineer Joaquim Cardozo on the Book O engenheiro of João Cabral

Éverton Barbosa Correia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
evertonbcorreia@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8707-6451>

Resumo: Em meio às composições coligidas no livro *O engenheiro* (1945), muita ênfase foi dada ao poema “A Carlos Drummond de Andrade”, ladeado pelo outro “A Joaquim Cardozo”, que quase não teve repercussão alguma. A partir do cotejo entre as duas homenagens poéticas, será feito o acompanhamento editorial do poema dedicado ao engenheiro profissional e poeta, para conferir o valor comunicativo de sua representação naquele contexto de pronunciamento específico. De igual modo, a análise deste poema será desenvolvida de acordo com suas variações ao longo da produção autoral de João Cabral de Melo Neto por meio das reedições do livro que o coligiu. Para tanto, serão acionadas a edição *princeps* do volume, sua reedição em *Dois águas* (1956) e a fixação do poema na década seguinte, quando as *Poesias completas* (1968) foram publicadas. Como contraponto ao perfil literário de Joaquim Cardozo esboçado pelo autor, será acionado o depoimento de Oscar Niemeyer em *Minha experiência em Brasília* (1961) sobre a atuação de seu amigo e engenheiro dileto no ofício comum a ambos.

Palavras-chave: poesia brasileira moderna; crítica textual; João Cabral de Melo Neto; Joaquim Cardozo.

Abstract: Among the poems collected in the book *O engenheiro* (1945), much emphasis was given to the poem “A Carlos Drummond de Andrade”, published by side of “A Joaquim Cardozo”, which had not almost any repercussion. From the comparison between the two poetic tributes, the editorial accompaniment of the poem dedicated

to the engineer and poet will be made, to assign the communicative value of their representation in that context of specific pronouncement. Likewise, the analysis of this poem will be developed according to their variations throughout the authorial production of João Cabral de Melo Neto through the reissues of the book that collated it. To this end, the *princeps* edition of the volume, its reissue in *Duas águas* (1956) and the fixation of the poem in the following decade, when the *Poesias completas* (1968) was published. As a counterpoint to Joaquim Cardozo's literary profile outlined by the author, Oscar Niemeyer's testimony will be triggered in *Minha experiência em Brasília* (1961) about the performance of his friend and favorite engineer in the craft common to both.

Keywords: modern Brazilian poetry; textual criticism; João Cabral de Melo Neto; Joaquim Cardozo.

Quando o livro *O engenheiro* veio a lume em 1945, o jovem poeta João Cabral de Melo Neto só tinha acumulado duas publicações: *Pedra do sono* (1942) e *Os três mal-amados* (1943). Em ambos os livros havia a inscrição de Carlos Drummond de Andrade, fosse como dedicatória no primeiro caso, fosse, ainda, por meio das personagens masculinas decalcadas do poema “Quadrilha” (ANDRADE, 2001, p. 26), convertidas em epígrafe e em matéria de composição, no segundo caso. De uma maneira ou de outra, tanto pela reincidência quanto pela intensidade da interlocução, o poeta mineiro se converteu em padrinho de casamento e chave explicativa do poeta pernambucano, inclusive sob o viés psicanalítico, como se houvesse um sombreamento da poesia de um na poesia do outro àquela época e dali por diante, incontornavelmente. Sob o ponto de vista historiográfico, não tinha como ser de outro modo, a considerar a centralidade que a poesia drummondiana adquiriu naquele momento – quando publicara *A rosa do povo* (1945) – e pela proximidade afetiva e literária entre os dois autores. Sem ignorar os registros, passado algum tempo, é preciso referir a influência de outras sombras na poesia cabralina, até porque havia outras referências que se colocavam como enigmas ao leitor de João Cabral de então e hoje se nos parecem decifráveis, ainda que consideremos aquela dedicatória onde Drummond ocupa função estelar: “A meu pai e minha mãe/ A Willy Lewin e Carlos Drummond de Andrade” (MELO NETO, 2008, p. 18). Além do mais, o desempenho estilístico que singulariza o indivíduo João Cabral de Melo Neto como sujeito social, histórico e poético, ainda está por ser feito e não de uma investida só, o que moderadamente será feito aqui a partir do paradigma “o engenheiro”.

Pois, ainda que tomemos aquela mesma dedicatória de *Pedra do sono* como referência, ali onde a figura de Drummond paira incólume, sofre interferência pela contiguidade do também poeta Willy Lewin e dos pais do autor como marcas subjetivas na expressão autoral, de uma autoria de família determinada e da cidade do Recife, conforme se verificará ao longo de sua obra, embora já estivesse indicado ali. O universo familiar, sempre presente, vai irromper com um força descomunal na produção de maturidade e a matéria literária, inscrita no nome daquele outro poeta e ensaísta, vai se desdobrar numa quantidade inumerável de referências. Cumpre aferir que, havendo uma assimetria incontestada entre a literatura de Drummond e a de Willy Lewin, a aproximação desses poetas na mesma dedicatória só podia se dar por motivações distintas, sob a identificação da bitola expressional: a referência crítica e ensaística do Recife e a poesia de que se aproximara no Rio, cujo epicentro viria a ser Joaquim Cardozo, como uma possível síntese de todas as vertentes anunciadas já antes e dali em diante para o complexo estilístico que podemos apelidar de João Cabral de Melo Neto.

Tendo a edição original de *O engenheiro* (1945) se esgotado, o livro só veio a ser reeditado por ocasião da publicação da coletânea de livros *Dois águas* (1956), portanto, quando o autor já granjeava notoriedade significativa no cenário nacional, a despeito de residir no exterior desde quando assumiu suas funções no Itamaraty, com curto interstício entre 1952 e 1954 no Brasil, quando publicara *O rio ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*, premiado pelo júri do IV Centenário da Cidade de São Paulo, de cuja banca julgadora para poesia também foi composta por Drummond, além de Antonio Candido e Paulo Mendes de Almeida, conforme consta na contracapa da edição original. Todo o comentário concorre para asseverar o cordão de influências exercido sob a centralidade da figura de Drummond, naquele momento seminal, que se acentua ainda mais se lhe acrescentarmos a composição “C.D.A.”, somente depois publicada no livro *Primeiros poemas* (1990), mas com datação de escrita anterior à ida do pernambucano para o Rio de Janeiro, antes de conhecer pessoalmente o poeta mineiro, a quem venerava desde quando residente no Recife.

Tal influência logo foi percebida pelos leitores, a ponto de se converter em consenso crítico, muito justo, aliás, se considerarmos aquele momento específico na década de 1940. Acontece que, se pensarmos nas inscrições constantes na poesia de João Cabral em perspectiva,

Drummond comparece em dois poemas, dois livros lhe foram dedicados e três versos drummondianos são tomados como epígrafe, no arco temporal que vai de 1938 – datação constante em *Primeiros poemas* – a 1945, quando *O engenheiro* é lançado. Depois disso, não existe mais nenhuma menção à obra ou à figura Drummond nos versos de João Cabral, muito embora a reverência tivesse se mantido em inúmeras entrevistas, nas quais o poeta pernambucano não se cansava de dizer que o mineiro é o maior poeta do Brasil. (MELO NETO, 1998, p. 122-123).

A informação interessa porque, sendo a reedição de *O engenheiro* de 1956, por ocasião da publicação de *Duas águas*, naquele momento, Carlos Drummond de Andrade já era um poeta reconhecido nacionalmente e, por consequência, a vinculação entre os dois poetas era fácil de se fazer, inclusive porque era extensiva da vida para o verso. Menos fácil de associar a João Cabral era a obscura *persona* de Joaquim Cardozo, que não frequentava círculos literários, que era engenheiro por profissão e só fora publicado em livro quando o poeta mais jovem já estampava o *Psicologia da composição* (1947). Portanto, Joaquim Cardozo só se consumou um objeto de culto público a partir da publicação em livro, posteriormente àqueles três volumes iniciais de João Cabral, onde o poeta mineiro figurava como referência central. O fato de Joaquim Cardozo só ter publicado o livro *Poemas* (1947) até ali, ainda que tivesse sido cancelado pelo prefácio do próprio Drummond, pelas ilustrações de Luís Jardim e pelo desenho na capa de Santa Roza, não teve a repercussão reputada pelos seus pares poetas e admiradores, que iam de Manuel Bandeira – que já tinha coligido o engenheiro na sua *Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos* (1946), com oito poemas coligidos – a João Cabral – que no seguinte 1948 iria contemplar o mesmo engenheiro na sua prensa manual com a publicação de alguns poemas seus sob título de *Pequena antologia pernambucana*. Joaquim Cardozo estava, portanto, muito longe de ser uma referência literária pontual, apesar de já reconhecido largamente como engenheiro de Oscar Niemeyer e eventual pesquisador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Depois de exibir o rosário de informações, se voltarmos à edição original de *O engenheiro* (1945), o efeito de leitura haverá de ser necessariamente outro. Não só porque a aferição do peso e da tonalidade das figuras ali mencionadas era feita por termômetros indisponíveis hoje, mas também porque aquela brochura tem particularidades gráficas que

lhes são exclusivas e porque outro era o João Cabral daqueles versos, muito diferente daquele que viria a se consagrar depois. Como primeira referência editorial, é preciso lembrar que o poema “A Carlos Drummond de Andrade” veio ali estampado, isoladamente, no espaço de duas páginas entre as quais decorrem cinco estrofes de quatro versos, seguidos pelo poema “A Joaquim Cardozo” com o mesmíssimo espaçamento gráfico, incluindo aí a quantidade de estrofes e de versos, os quais, àquelas alturas, ainda eram polimétricos, consoante a expressão autoral vigente. Não houvesse mais nenhum elemento para fazer a associação entre os dois poetas homenageados, a disposição gráfica já seria o suficiente para inferir alguma equivalência entre os dois, a considerar o tratamento idêntico que lhes fora dispensado em poesia grafada no espaço da página. No poema dedicado a Drummond, destaca-se o refrão “Não há guarda-chuva”, seguido no verso seguinte pela anáfora “contra”, como elementos composicionais que aludem à expressão cabralina, composta no contrafluxo da tradição mais frequentada, sem se escudar nos anteparos convencionais, ao passo que no poema dedicado a Cardozo o destaque referencial fica concentrado na seguinte quadra:

A cidade que não consegues
Esquecer,
Aflorada no mar: Recife,
Arrecifes; marés, marezias.
(MELO NETO, 1945, p. 42)

Contudo, se insistirmos na oposição do efeito que as duas leituras nos suscitam – tal como foram publicados os poemas, emparelhados entre si – e ainda que quiséssemos fazer uma distinção muito esquemática entre as duas homenagens aos respectivos poetas, poderíamos dizer que, em um fica notória a influência formal de Drummond e, em outro, é explícita a referência geográfica à cidade natal do autor, como se não houvesse referência na forma nem a forma atravessasse a referência. Obviamente que referência reiterada ao Recife solicitava já ali um tipo de formalização que passasse pela memória, assim como a forma eivada de prosaísmo se compatibiliza com o cotidiano recortado a contrapelo. De um modo ou de outro, a equação a ser resolvida por João Cabral de Melo Neto não tinha como ser fácil, fosse pelo envolvimento cotidiano, fosse ainda pela cidade que não conseguia esquecer, tal como acontecia ao outro em quem se espelhava e a quem vai eleger como modelo para o resto da vida,

a considerar a duração e a intensidade da interlocução com Joaquim Cardozo, que interessa flagrar naquele momento primeiro, quando sua imagem emula à de Drummond como um modelo a ser seguido.

Depois dali, a imagem de Cardozo é a que vai vigorar com regularidade em toda a extensão da obra de João Cabral de Melo Neto, que progride diversamente década a década. Pela extensão da recorrência e pela intensidade, Joaquim Cardozo foi o modelo que ficou registrado nos versos de João Cabral, com um arco temporal e um conjunto de composições bem maior do que qualquer outro. Como se vê, à medida que a obra de João Cabral se consolida, mais insidiosamente a influência de Joaquim Cardozo aparece desde a dedicatória de *O cão sem plumas* (1950) ao poema “Cenas da vida de Joaquim Cardozo”, acrescido posteriormente ao *Crime na Calle Relator* (1987), tal como outras nove composições lhe foram integradas. Em meio a essa trajetória muito variável, Drummond não aparece mais, ao passo que Cardozo comparece no curso de mais cinco poemas – totalizando seis – e mais três menções predicativas no curso dos versos, além da dedicatória já mencionada. Por ser o mais recuado no tempo, o poema “A Joaquim Cardozo” adquire, por seu turno, feição inaugural na interlocução entre os dois poetas, sobrepujando todas as demais interlocuções de quantas tenham sido objeto de análise para a interpretação da obra cabralina. Para seguir o roteiro de leitura, passemos primeiro pelo poema homônimo ao livro, porque remete ainda que residualmente ao engenheiro civil e sujeito social que foi Joaquim Cardozo, tal como o poema foi grafado no volume original.

O engenheiro

A luz, o sol, o ar-livre
 Envolvem o sonho do engenheiro.
 O engenheiro sonha coisas claras:
 Superfícies, tênis, um copo d'água.

O lápis, o esquadro, o papel;
 O desenho, o projeto, o número:
 O engenheiro pensa o mundo justo
 Mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
 Ao edifício. A cidade diária
 Como um jornal que todos liam
 Ganhava um pulmão de cimento e vidro).

A água, o vento, a claridade,
De um lado o rio, no alto as nuvens
Situavam na natureza o edifício
Crescendo de suas forças simples.
(MELO NETO, 1945, p. 17)

Ao menos duas observações gráficas devem ser destacadas como diferenciais significativos para a atribuição de sentido e de valor deste poema na publicação original: a falta da dedicatória a Antonio Bezerra Baltar, que só veio a constar posteriormente; as iniciais dos versos grafadas em maiúscula, como um traço do tempo, que o poeta veio a abandonar depois, mas em plena voga quando da publicação príncipe e que constitui um traço de sua expressão ali. Destrinchando as referências, Antonio Bezerra Baltar trabalhou primeiramente como auxiliar técnico na Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU), órgão da Secretaria de Viação e Obras do Estado de Pernambuco, sob a coordenação do arquiteto Luís Nunes, no período de 1934 a 1937, de quem Joaquim Cardozo era efetivo engenheiro colaborador, atuando também no âmbito do urbanismo, como um dos protagonistas da renovação cultural no Recife. Interessa, pois, assinalar a ligação entre o iniciante Baltar e o experiente Cardozo, superior hierárquico na instituição mas também um modelo de profissional e de conduta, muito antes de se transferir para o Rio de Janeiro sob instâncias governamentais e muito antes do outro se formar também como engenheiro. De maneira que, indiretamente, ao homenagear um, estaria homenageando o outro, supondo que esta tivesse sido a intenção original, não identificada, posto que sem endereçamento.

Quanto às iniciais maiúsculas, este é o único registro em que o poema foi grafado assim, porque na sua reedição, coligida no volume *Duas águas* (1956), segue a orientação modernista de só grafar em maiúsculas os nomes próprios e após a pontuação, tal como reza a gramática. Além de tais particularidades, conviria apontar para dois índices materiais da composição: a repetição da palavra “sonho” como substantivo e como verbo no presente do subjuntivo, que remetem ao livro de poesia anterior *Pedra do sono*, onde o sonho corria livremente; entre os versos polimétricos, há uma sutil predominância dos octossílabos, que passaram a vigorar a partir da década seguinte, notadamente nos livros *Uma faca só lamina* e *Paisagens com figuras*, que só vieram a ser publicados em *Duas águas* em meio a vários outros livros éditos e inéditos. Vejamos, por isso, já agora o poema “A Joaquim Cardozo”,

tal como foi publicado originalmente, para, cotejarmos o efeito de sua leitura, sob o facho de outra luz na segunda e na terceira versões de sua estampa, com as respectivas emendas ao antepenúltimo verso, registradas à margem direita.

A Joaquim Cardozo

Com teus sapatos de borracha
 Seguramente
 É que os seres pisam
 No fundo das águas.

Encontraste algum dia
 Sobre a terra
 O fundo do mar,
 O tempo marinho e calmo?

Tuas refeições de peixe;
 Teus nomes
 Femininos: Mariana; teus versos
 Medidos pelas ondas;

A cidade que não consegues
 Esquecer
 Aflorada no mar: Recife,
 Arrecifes; marés, marezias.

Marinha ainda a arquitetura
 ([Que sonhaste]; que praticaste); que calculaste;
 Tantos sinais da marítima nostalgia
 Que te fez lento e longo.

(MELO NETO, 1945, p. 41-42; 1956, p. 132; 1968, p. 267-268)

A primeira observação a ser feita sobre o poema é a estruturação das estrofes por versos octossílabos, que substituem o refrão estruturador do poema dedicado a Drummond, a ele emparelhado na coleção original e às vezes até em antologias. O acréscimo ao poema ladeado é o de que o refrão antes comparecia na cabeça de todas as estrofes no outro poema, enquanto que aqui apenas a primeira, a quarta e quinta estrofes são encabeçadas por um octossílabo, o que dá bem a dimensão de um estilo ainda cambiante e de uma obra em processo, uma vez que a métrica só viria se consolidar como traço de escritura na década seguinte. Vale

ressaltar ainda a ocorrência do verbo “sonhar” referido a uma segunda pessoa do texto no pretérito, a quem o sujeito se reporta, ao mesmo tempo em que rememora o passado, descreve a cidade e um estilo de escrita que se confunde com a cidade e de onde se depreende certa percepção espacial, da paisagem marinha ou das experiências sensíveis que desperta – gustativa e tátil.

A estas alturas, vale a lembrança de que João Cabral de Melo Neto saíra do Recife em direção ao Rio de Janeiro nos idos de 1940 muito mais por um propósito pessoal do que institucional, já que aquela viagem se dera por meio de um cruzeiro familiar, com a condição de estar entre os irmãos e os pais. Em contrapartida, outras eram as motivações que fizeram Joaquim Cardozo sair às pressas do solo pernambucano, sob instâncias políticas que o levaram a se radicar no Rio de Janeiro. Além do mais, a diferença de 23 anos entre os dois – sendo Joaquim Cardozo o mais velho – e o prestígio que este gozava no Café Continental da esquina Lafayette no Recife desde a década de 1920 certamente estabelecia uma hierarquia entre ambos, que a historiografia literária têm alguma dificuldade de registrar, de maneira produtiva. Sem que se saiba ao certo se os dois já se conhecessem do Recife, a transferência para o Rio de Janeiro por razões diversas fez com que se aproximassem.

Para avivar a especulação, uma referência autoral talvez válida seja o escrito “Considerações sobre o poeta dormindo”, que João Cabral apresentou ao *Congresso de Poesia do Recife* em 1941. Levando em consideração o ambiente político e a indisposição instaurada entre Joaquim Cardozo e o governo de Pernambuco pouco mais de um ano antes, decerto não era conveniente falar de sua figura em público naquele momento de perseguição ideológica que assolava o Brasil e que encontrava ecos particulares em Pernambuco, onde estava clara e fresca a desavença entre o engenheiro e o poder instituído. Cumpre lembrar, todavia, que há um poema cardoziano que simula uma variação do ensaio de João Cabral, se quisermos considerar as respectivas datas de publicação, que é o que dispomos. Não temos registro anterior da publicação do “Poema do homem dormindo” (CARDOZO, 1947, p. 25) cuja datação é incerta, porque o autor acumula publicações desde os anos de 1920. Sem poder afirmar categoricamente que o poema cardoziano tenha sido escrito antes do ensaio cabralino, depois de publicado em livro, João Cabral fez as vezes de seu editor sob o título de *Pequena antologia pernambucana* (1948), onde Cardozo figurava entre os seus poetas diletos

editados pelo mesmo selo “O livro inconsútil”, entre os quais podemos listar Manuel Bandeira e Ledo Ivo – publicados naquele mesmo ano.

Conquanto a poesia de Joaquim Cardozo não tivesse alcançado a repercussão similar à de Drummond naquele seu primeiro momento no Rio de Janeiro, no Recife, havia o reconhecimento explícito de ser um grande poeta, mesmo antes de ter sido publicado em livro. E como Cardozo já houvesse travado conhecimento com Bandeira antes de 1925, por ocasião da publicação do *Livro do Nordeste* – onde figura como crítico da poesia bandeiriana –, não é ocioso imaginar um núcleo de poetas no Rio de Janeiro. Sendo um poeta admirado por poetas, Joaquim Cardozo constitui um perfil literário agudo, a considerar sua esparsa e espinhosa produção. O gosto de versejar com a matéria pernambucana, João Cabral confessou mais de uma vez, foi despertado e nutrido por Joaquim Cardozo. Conforme aquele poema de *O engenheiro* (1945) já ilustra e veio a ser reforçado na dedicatória de *O cão sem plumas* (MELO NETO, 1950): “A Joaquim Cardozo, poeta do Capibaribe”. Afora a primazia que a figura de Joaquim Cardozo adquire ao longo da produção cabralina, já está delineada no livro *O engenheiro*, ao lado do poema dedicado a Drummond, a quem nunca mais será dedicado um verso, sendo aqueles os últimos. Ao contrário do que acontece com Joaquim Cardozo, cuja interlocução se fortalece a partir dali, já que se estenderá por toda a obra cabralina, inclusive após o falecimento do poeta-engenheiro. Mas como o que interessa é o primeiro registro da interlocução, é preciso repercuti-lo também como foi publicado em *Duas águas*, onde o poema ainda é grafado em simetria àquele “A Carlos Drummond de Andrade” na página anterior, de maneira que um espelha o outro na disposição gráfica, com a mesma quantidade de estrofes e de versos.

Ainda que ignoremos todas as variações gráficas, desde as maiúsculas iniciais que se tornam minúsculas até a pontuação que sofre alteração, de uma edição para outra; ainda assim, teríamos que parar numa emenda incontornável, porque muito reveladora do poeta que João Cabral quis ser antes e depois do livro paradigmático: *O engenheiro*. Refiro-me ao antepenúltimo verso do poema “A Joaquim Cardozo”, que na versão original constava “que sonhaste” e que depois passou a ser grafado como “que praticaste”, para se fixar em definitivo como “que calculaste”. Fazendo uma operação lógica, é muito mais razoável que um engenheiro faça algo mais do que sonhar, mas não no contexto da obra anterior, quando o sonho era uma dominante da obra de João

Cabral. Agora, que este poema sofra esta alteração dez anos após sua publicação, é indicativo de que algo mudou não só na versificação em curso, mas na própria caracterização que o autor queria para si e o verso ilustra bem. Pois se um autor é aquele que é movido pelo sonho, outro haverá de ser quando tiver a prática como horizonte primeiro e, outro ainda, será aquele gerido pelo cálculo – tal como o verso viria a informar na edição seguinte. Ora, se o mesmo verso pode vir grafado de edição para edição como uma formalização variável de “que sonhaste”, passando por outra solução de “que praticaste”, para chegar à finalização de “que calculaste”, só significa reiterar a obviedade necessária de que a obra não estava acabada em seu momento primeiro, mesmo que o autor estivesse atuante no mercado editorial brasileiro.

Diante de tais variações, é nítido que estamos diante de um autor em processo de consolidação e, ainda que se trate da mesma entidade autoral, as alterações por que passou não estão sendo apreciadas pelo que declarou em entrevista ou que foi dito a seu respeito, e sim pelo que se gravou no espaço da página, por meio daquilo que ocorreu com um mesmo verso, publicado diferentemente, e que remete a traços de sua expressão, compatíveis com as circunstâncias biográficas e históricas que se entrelaçam no emaranhado das publicações. Indiscutível e indisfarçável é que, alterando a predicação da arquitetura cardoziana, João Cabral acaba por indicar as mudanças pelas quais passou sua poesia no plano das ideias, que vai do onírico ao praticável, para chegar até o calculável. O primeiro salto da ideia gravada naquele verso, correspondente às publicações, tem a maquinação de pouco mais de dez anos, que separam a publicação de *O engenheiro* (1945) para a publicação de *Dois águas* (1956), cujo desdobramento só viria a ser desenvolvido na década seguinte, por ocasião das *Poesias completas* (1968), onde se cristalizou a terceira variação do verso. Trata-se apenas do acompanhamento de um verso do poema “A Joaquim Cardozo”, mas que sintetiza em conceito duas décadas de prática poética, calculada e, por assim dizer, sonhada retrospectivamente.

Tudo isso joga água no moinho que exhibe o conjunto de contradições presente na expressão de João Cabral e que pode ser visto pelo acompanhamento de sua trajetória, se não for tomada como manifestações de uma entidade engessada no tempo e no espaço de publicação. As mudanças que ocorrem de livro a livro só interessam ideológica e esteticamente, à medida que estão grafados em tinta no papel.

Senão, não haveria mais mudança no mesmo livro, que já foi publicado, tal como estamos percebendo. E quem tiver a pachorra de cotejar as respectivas edições entre si, não encontrará apenas um ou outro poema a sofrer alteração, e sim a maior parte da obra, que foi lida e tida como fechada num arcabouço formal definido. Se for, e é possível que seja, alguma ponderação precisará ser feita, quando estivermos diante das publicações que escancaram fraturas e emendas, hesitações e conquistas, crua e duramente.

De um modo ou de outro, fica registrado que a expressão escrita em versos a que podemos chamar de João Cabral não se fez de uma investida só, mas foi se transformando, não por um capricho individual de uma crise subjetiva, mas sobretudo pelo que ficou gravado no registro dos seus versos e que apontam para as tensões que podem ser enunciadas sob várias perspectivas de análise. Aqui o desempenho expressional está sendo tomado pela disposição gráfica, como um indicativo do estilo em processo e, por consequência, da subjetividade literária ou poética que vai se consolidando, à medida que suas obras vão sendo editadas e reeditadas, a menos que se congele a *persona* autoral como uma entidade definida desde a juventude até a maturidade, sem lhe conferir o direito a mudança, à revelia dos registros inclusive.

Por mais paradoxal que possa parecer, a leitura em curso intenta incorporar o que cada perspectiva de leitura contribui para o entendimento do texto. Aliás, espera-se que na conjunção de métodos de leitura que lançam luzes diferentes sobre o mesmo poema, seja possível acumular informações, que, contrabalançadas entre si, possam se aproximar de algo que se queira como compreensão: uma apreensão conjunta ou correlata a vários domínios, sem desprezar qualidades intelectivas ou intuitivas, movidas por algum grau de empatia que anima a definição de um objeto que, no caso, está em processo, como deve ser o desenvolvimento da leitura da obra de João Cabral. Tudo isso importa, para que não tomemos a obra como produto de uma entidade previamente embalsamada, mas, ao contrário, como objeto de interesse público que é capaz de sofrer alterações a partir da interferência da comunidade de leitores, incluindo organizadores e editores. Sobretudo aqueles que são norteados pelo entendimento muito simples de que a atualização da obra é devida à variação de leitura, que, quanto maior a frequência dos leitores, tanto mais deixará a obra propensa a modificações de entendimentos. Até porque a repetição da leitura invariavelmente conduz a novas perspectivas,

que incidem sobre o artefato estético, mesmo quando extemporânea ou refratária à repercussão historiográfica.

Afora uma ou outra imagem mais sinuosa no poema, a exemplo dos “Com teus sapatos de borracha/[...]é que os seres pisam/ no fundo das águas”, tudo o mais ali faz alguma remissão à realidade ou traz alguma referência ao universo cardoziano, sejam as refeições de peixe, os nomes femininos que absorvem sua poesia, a cidade afluída do mar ou a arquitetura marítima que remete à nostalgia que caracteriza aquele sujeito poético, reduplicado no outro. Vale, ainda, a referência de que pouco antes da publicação do livro, Joaquim Cardozo passou a ser o calculista contumaz de Oscar Niemeyer, cuja imagem burilada do amigo nos confia em seu depoimento sobre a construção de Brasília:

E sentíamos que a atmosfera procurada já estava presente, uma atmosfera de digna monumentalidade, como uma Capital requer, com os Ministérios se sucedendo numa repetição disciplinada e a Praça dos Três Poderes rica de formas e, ao mesmo tempo, sóbria e monumental. Pensávamos em tudo isso, como se a obra já estivesse realizada, antevendo a cidade pronta, imaginando-a à noite, com a Praça dos Três Poderes iluminada, numa iluminação feérica e dramática em que a arquitetura se destacava branca, como que flutuando na imensa escuridão do Planalto. Diante da leveza de certas estruturas, lembrávamo-nos então do grande companheiro Joaquim Cardozo, que tudo nos permitiu realizar, completando nosso trabalho com uma sensibilidade e um interesse inexcédível. (NIEMEYER, 1961, p. 56)

A leveza de certas estruturas aqui reportada, talvez seja o equivalente formal do que foi visto na poesia pelo leitor dileto de Cardozo, ocasionalmente também poeta, que a qualifica como sendo marinha a arquitetura e marítima a nostalgia. Nesse passo, os versos cardozianos, segundo João Cabral, são medidos pelas ondas, ainda que na voz do outro amigo arquiteto ressoe como correlatos de uma sensibilidade e de um interesse inexcédíveis, que podem ser representados pelo mar. Daí interessa pensar a relação que se estabelece entre a forma concreta (fechada na arquitetura), sob a medição do passado (memória), para se chegar à técnica (do cálculo matemático ou dos versos metrificados). De modo que é possível enxergar uma homologia na produção cardoziana, aos olhos de João Cabral, que atravessa o passado rememorado, passando pela técnica utilizada e pela forma que adquire, para dar substância à experiência estética em múltiplas dimensões.

Os sapatos de borracha, que enformam a imagem mais contundente do poema, parecem ter sido uma predileção de Joaquim Cardozo, que o

ajudavam a lidar com trabalhadores braçais, com os quais exercia o seu ofício de engenheiro. Daí fica fácil imaginar que não possuísse tantos sapatos e, talvez por isso, preferisse um par que servisse para várias ocasiões (formais e informais), irmanando-o no cotidiano a pedreiros e mestres-de-obras, servindo também a outros propósitos. Como bem refere Niemeyer, para quem a disposição de Cardozo para o desempenho do ofício não era menor, do que os demais trabalhadores. Aliás, sua atividade, apesar de extremamente erudita, jamais foi colocada num plano superior à dos colegas de trabalho, estivessem hierarquicamente acima ou abaixo dele, como uma condição inerente à prática cotidiana, para a qual os executores da construção civil fossem guiados pelo mesmo ânimo, fossem arquitetos, engenheiros, técnicos, mestre-de-obras ou pedreiros. Como bem sinaliza a declaração do arquiteto, que viu na sua conduta um exemplo em tempo recorde, apesar da excelência da solução no nível do cálculo em perfeita sintonia com o desenho arquitetônico.

O espírito que prevaleceu em Brasília e que os operários - vindos dos lugares mais longínquos - assimilaram com um poder de adaptação e sacrifício admiráveis, verdadeiros e modestos heróis dessa esplêndida jornada. A eles se equiparam os empreiteiros de Brasília que, longe de todos os recursos, souberam com dedicação cumprir as respectivas obrigações dentro dos prazos - curtos demais - que lhes foram impostos, construindo, por exemplo, o Palácio da Alvorada em doze meses, tempo em regra exigido para a construção de uma simples residência; assim como o Palácio do Congresso, em que a estrutura arrojada de Joaquim Cardozo não constituiu empecilho nem motivo de atraso na execução da obra. (NIEMEYER, 1961, p. 11-12)

Saltando da vida material do engenheiro para o poema em sua homenagem, curioso mesmo é que este sapato tão funcional a seu ofício, como representação, venha a pisar no fundo das águas e a servir de modelo para aqueles que ali querem pisar, seguramente. O emprego deste advérbio no poema produz certa ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que sugere o modo como Joaquim Cardozo pisa, alude também ao modo a ser utilizado para quem quiser pisar no fundo das águas. Claro está que, neste contexto, a palavra “água” tem um sentido polissêmico e pode referir-se ao fundo da existência, da vida ou da experiência sensível, de acordo com o que Joaquim Cardozo faria com propriedade e é fácil identificar na sua poesia, que trafega em águas profundas.

A cidade que Joaquim Cardozo não consegue esquecer, informa o verso, é Recife. Também vale lembrar que a essa altura já fazia alguns anos que João Cabral residia no Rio de Janeiro e que, portanto, já

devia ter começado a sentir saudade da terra natal, cujo translado não era tão fácil nem comum, encontrando aí um termo parecido com o de Cardozo. Aqui já é possível enxergar um Cabral também melancólico, que se refugia na melancolia do outro, na qual se projeta e busca um meio de expressão adequado. A sucessão de nomes que apontam para a cidade – arrecifes, marés, maresias – parecem querer tornar palpável, pela reiteração, objetos e sensações que evocam o Recife, no que possui de concreto, de poroso e de sensível.

Na última estrofe do poema ecoam o vento, as pedras e a água da estrofe anterior, convertendo-os em marítima a nostalgia e marinha a arquitetura. O fato é que o enunciado da estrofe nos leva a crer que tal nostalgia e tal arquitetura é que fizeram de Joaquim Cardozo “lento e longo”. Curioso é que adjetivação qualificativa de Joaquim Cardozo se assemelhe a que ele utiliza à larga, produzindo um efeito reflexo em termos sinuosos, em cuja expressão parecem termos correlatos, como é o caso de “lento e longo”. Assim, o poema produz uma figura de linguagem incomum, na medida em que qualifica Joaquim Cardozo através de um par de adjetivos que não só dizem da pessoa dele, mas reproduzem adjetivos facilmente identificáveis na sua poesia, até porque identificamos o mesmo par de adjetivos em outros poemas cardozianos, a exemplo de “As alvarengas”, “Olinda”, “Tarde no Recife”, “Aves de Rapina” (CARDOZO, 1947, p. 15-41). Vale lembrar, alguns desses poemas viriam a ser reunidos naquela *Pequena antologia pernambucana* (1948), editada por João Cabral e por ele conhecidos desde muito antes.

A propósito, não deixa de ser curioso que a estrofe que tematiza explicitamente a poesia de Joaquim Cardozo seja a do meio do poema, precedida e sucedida por outras duas. Com isso, a terceira estrofe – por estar no meio – acaba exercendo uma função estruturante no poema, servindo de base para as duas que a antecedem como também para as duas que se seguem. Assim, por ser precedida por estrofes que abordam sua experiência de vida e sucedida por estrofes que versam sobre arquitetura, a estrofe mediana – pelo seu efeito nuclear – sugere que a poesia seja o ancoradouro para a experiência sensível de Joaquim Cardozo, quer relacionada à sua arquitetura, que não deixa de ter uma boa dose de poesia, quer relacionada à sua vida propriamente. Poesia, não nos esqueçamos, encravada entre pedras de um arrecife ou de um Recife particularizado. Curioso mesmo é que a terceira estrofe tenha três frases, três sujeitos, três núcleos, quais sejam: tuas refeições, teus nomes femininos, teu verso. Sendo de peixe – para não dizer pisciana –, as refeições permanecem reforçando a mesma cadeia significativa, oriunda do mar. Os nomes femininos são particularizados a exemplo de “Mariana”, título e matéria

de um poema (CARDOZO, 1947, p. 35), que abstrai e encarna a mulher num nome que também tem mar e terra. E tudo isso se radicaliza quando remete ao verso medido pelas ondas, que reitera o núcleo de sentido já existente e devidamente constituído, mas o ultrapassa, na medida em que reproduz o nome e um poema de Joaquim Cardozo.

Se quisermos, ainda por meio desse mesmo poema, dar vazão à influência da linguagem poética de Joaquim Cardozo sobre a de João Cabral, vale a pena tentar discriminar em termos métricos o que significa ser portador de “um verso medido pelas ondas”. Por outra, poderíamos resumir o raciocínio dizendo que na poesia de Joaquim Cardozo tanto há variação métrica, que, repercutindo no significado do verso, amarra o seu sentido, quanto há manutenção do metro, que, repercutindo diversamente no significado do verso, também fecha seu sentido. Isso implica dizer que Joaquim Cardozo faz um uso particular dos expedientes métricos, seja pela variação seja pela manutenção do metro, produzindo na sua poesia uma relação indissociável entre métrica e sentido. Considerando que tal relação é possível e deve ser explorada, João Cabral também faz um uso muito particular da métrica. Daí podermos afirmar que João Cabral é um poeta para o qual a medida do verso existe como elemento dinâmico, a um só tempo, portador e criador de sentido.

De certo modo, aí reside outra assimilação de Joaquim Cardozo, já naquele primeiro momento de sua produção, quando o verso medido pelas ondas poderia reputar tão somente a diversidade métrica tensa da poesia cardoziana, mas é muito mais do que isso. Pois a variedade formal produzida por Cardozo não é simples recurso à liberdade expressiva, na medida em que institui uma modalidade métrica no seio da sua escritura, que não se subordina a nenhum modelo anterior. Antes cria um sistema próprio que ganha corpo no seu texto. Ao caracterizar uma modalidade métrica singular, particularizando-a na sua expressão, sem abrir mão do rigor próprio ao discurso poético, elabora-se algo muito parecido com o que acontece com João Cabral noutros termos e que sofre ininterruptas variações ao longo da obra que se estende de 1942 a 1990, porque registrada reiteradamente nas suas reedições por que passou como um bem simbólico, por terem sido publicadas como artefatos editoriais de interesse público.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. 2 v.
- BANDEIRA, Manuel (org.). *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946.
- CARDOZO, Joaquim. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- CARDOZO, Joaquim. *Pequena antologia pernambucana*. Barcelona: O livro inconsútil, 1948.
- MELO NETO, João Cabral de. *O engenheiro*. Rio de Janeiro: Amigos da poesia, 1945.
- MELO NETO, João Cabral de. *O cão sem plumas*. Barcelona: O livro inconsútil, 1950.
- MELO NETO, João Cabral de. *O rio ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954.
- MELO NETO, João Cabral de. *Duas águas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.
- MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1942-1965*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- MELO NETO, João Cabral de. *Primeiros poemas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1990.
- MELO NETO, João Cabral de. *A ideias fixas de João Cabral*. Coleção e organização: Félix de Athayde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN, 1998.
- MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Organização: Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- NIEMEYER, Oscar. *Minha experiência em Brasília*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961.

Recebido em: 28 de agosto de 2020.

Aprovado em: 03 de maio de 2021.

